

Chas Newkey-Burden

---

AMY WINEHOUSE

BIOGRAFIA

tradução:  
Helena Londres



# I

## NASCIDA PARA SER INDÔMITA?

UMA VEZ DISSERAM A RESPEITO de Amy Winehouse: “Às vezes, ela parece uma personalidade que nasceu um pouco fora de sua época”. Amy nasceu em 14 de setembro de 1983, em Southgate, ao norte de Londres. A menos de dezesseis quilômetros do centro de Londres e no município de Enfield, Southgate fica ao lado da North Circular Road. Outras pessoas famosas — e não famosas — nasceram lá: o lendário Norman Tebbit, do Partido Conservador inglês, e a cantora Rachel Stevens, do S Club 7, por exemplo.

Muitas das famílias que moram nas casas de tijolos vermelhos de Southgate são judias. Há judeus na região de Enfield desde 1750, mas foi entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial que boa parte das famílias judias se mudou do leste para o norte de Londres. Na época dos “Swinging Sixties” — a alegre Londres dos anos 1960 —, cerca de 280 mil judeus moravam ao norte da cidade. Atualmente, há cinco sinagogas e três cemitérios judaicos nas proximidades.

Embora existam fotografias de Amy vestida para a festa judaica de Purim, sua família não era especialmente religiosa. “Não tivemos educação religiosa. Sou apenas uma menina de família. Venho de uma família grande. Acho que é importante estar rodeada e próxima da família. Tenho muita sorte por ter minha mãe e meu pai.”

Zaddy Lawrence, editor do *Jewish News*, diz:

Ela fica feliz ao falar de sua identidade judaica. Não tem vergonha de dizer que é judia ou de falar a esse respeito, mas há poucas entrevistas que mencionam esse assunto.

No que diz respeito à comunidade judaica, acho que ficou muito animada quando Amy entrou em cena. Imaginamos que fosse a estrela pop judia. Elas eram poucas, fora Rachel Stevens, que não tinha muita credibilidade porque estava no S Club 7. Rachel só era bonita, com um belo par de peitos, desculpem-me dizer isso. Ela tinha talento, eu acho, mas era mais uma princesa pop.

No entanto, em termos de artista judia, há muito tempo não aparecia ninguém como ela. Não me lembro da última artista verdadeiramente judia que tenha surgido na Inglaterra. Ao aparecer, Amy era uma artista convincente, por isso, a comunidade ficou muito animada. Mas, desde então, ela perdeu muito da aprovação por causa de seu comportamento.

Amy diz que não gostava de ir às aulas na *cheder* — a tradicional escola elementar que ensina as bases do judaísmo e a língua hebraica. “Todas as semanas eu falava: ‘Não quero ir, papai, por favor, não me obrigue a ir’”, conta ela. “Ele era tão sentimental que muitas vezes concordava. De qualquer forma, nunca aprendi nada na escola a respeito de ser judia.” Mesmo assim, ela frequenta a sinagoga no Yom Kippur e participa das festas da Páscoa.

Ser judia, para mim, significa estarmos juntos como uma verdadeira família. Não tem a ver com acender velas e dizer uma *brocha*. Não sou nem um pouco religiosa. Acho que a fé é uma coisa que dá força. Acredito no destino e acredito que as coisas acontecem por algum motivo, mas não acho que exista necessariamente uma força mais elevada. Acredito muito no carma, no entanto. Há tantas pessoas grosseiras por

aí, e há as que não têm nem um amigo de verdade. E os relacionamentos com as pessoas — com a mãe, a avó, o cachorro — são as coisas que dão a maior felicidade na vida. Fora os sapatos e as bolsas.

A menina de família Amy foi criada em uma bem cuidada casa, pelos pais Mitchell e Janis. Mitchell Winehouse, conhecido como Mitch, era motorista de táxi e cantor amador. E grande fã de artistas como Tony Bennett e Frank Sinatra, assim, as músicas desses cantores enchiam a casa enquanto Amy crescia. “Meu pai é ótimo”, diz Amy. “Ele gosta de karaokê do Sinatra. Tem um CD no táxi com todas as trilhas de *backing*. Poderia ser *crooner*, de tão bom que ele é.”

A mãe de Mitch também tem ligações com a música. Uma vez namorou um músico e dono de clube de jazz lendário, Ronnie Scott. Entretanto, o relacionamento enfrentou um impasse. Ela não faria sexo com ele antes de se casarem, e ele queria se casar com ela, mas não se casaria a não ser que transassem antes, porque não sabia se iria gostar. Então ele se mandou.

Certa vez, ao defender a filha, Mitchell disse: “Minha filha não está enlouquecida pelas drogas. Até eu, quando era jovem, experimentei — que jovem não experimentou?” E acrescenta: “O que Amy escreve é a verdade da vida e, algumas vezes, isso é doloroso. ‘What is it About Men?’ é uma letra verdadeira. Ela não mentiu a esse respeito quando escreveu: ‘Toda a merda que minha mãe agüentou’. Foi verdade. Eu fiz a mãe dela passar por maus bocados. Mas só fui infiel uma vez.”

Entretanto, Amy sempre afirma que recebeu muito amor e afeto do pai. “Quando eu era pequena, se entrasse num cômodo em que meu pai estava, ele me beijava e me fazia carinho. Também era assim com a mamãe quando eles ainda estavam juntos. Como ele era desse jeito, ela era menos.” Também disse que se parece

“muito com o meu pai. Somos, os dois, o tipo de gente que acha importante fazer as coisas e ser sincero com as pessoas”.

Mitchell se lembra de cantar com Amy quando ela era criança. Ele começava uma canção — “I Only Have Eyes For You”, de Sinatra, por exemplo — e pulava frases de vez em quando, para que Amy preenchesse as lacunas. “Mitchell e Amy eram muito agarrados”, lembra a mãe, Janis. “O pai cantava Sinatra para ela porque ele sempre cantava, e ela estava sempre cantando, até na escola. As professoras tinham de mandá-la parar durante as aulas.” Janis, que se formou em ciências pela Universidade Aberta antes de estudar na London School of Pharmacy, também tem uma herança musical familiar: seus irmãos eram músicos profissionais de jazz.

O casal se mudara de um diminuto apartamento de dois quartos, numa casa geminada dos anos 1930, para uma bela casa vitoriana de três quartos numa quadra com uma série de casas iguais em Southgate. Ali, tiveram o primeiro filho, Alex, e, quatro anos mais tarde, Amy. “Amy era uma criança linda — sempre ocupada, sempre curiosa”, lembra Janis. Histórias assustadoras sobre o estilo de vida caótico de Amy agora enchem regularmente os jornais, e, quando criança, teve dois esbarrões com o desastre: com cerca de um ano, se engasgou com papel celofane, sentada em seu carrinho, e uma vez sumiu no parque local. Uma das lembranças mais antigas de Amy é a de sua paixonite por Philip Schofield, apresentador de um programa infantil na tv. Ela insistia com a mãe para que largasse o pai e se casasse com Schofield.

Amy também gostava de ficar com a avó, que apresentou Amy e o irmão à importância da aparência. “Que Deus a tenha, ela praticamente nos ensinou a cuidar de nós. Ele fazia as unhas do pé da vovó, e eu fazia as unhas da mão e cuidava do cabelo dela”, disse Amy. Ao ouvir isso, Blake, seu marido, brincou: “Pode ser bastante castrador para um menininho de oito anos bancar pedicuro da avó”.

É evidente a grande influência que a avó teve sobre Amy. Quando indagada a respeito de suas fobias, ela disse: “Não acho que tenha medo de nada. Não tenho medo de cobra, de aranha ou de qualquer outra coisa. Mas tenho medo da minha avó. Ela é pequena, mas é uma pessoa assustadora”. Não que a televisão depois da escola e o treinamento de beleza por parte da avó fossem as únicas alegrias de Amy. “Eu realmente gostava da escola, gostava de aprender”, lembra ela, acrescentando: “Mas acho que se uma pessoa não se sente estranha, ela nunca faz nada de diferente, não é? De modo que eu devo ter me sentido um pouco de fora. Mas não é uma história triste”.

Quando perguntaram se poderia citar qualquer influência sobre Amy na infância, Mitchell aponta Janis. “A influência vem da família da minha ex-mulher, [...] que tem músicos excelentes. Mas é mais o que escutávamos em casa: Sinatra, Ella Fitzgerald, Dinah Washington.” Quanto a Janis, ela devolve o crédito a Mitchell. “Assim como acontece com qualquer pai que tem filhos talentosos, fico muitíssimo orgulhoso das façanhas dela, mas não posso dizer honestamente que a empurrei ou a orientei para o *show business*. Só quero que sejam felizes. Não tenho reverência pelo status e não tenho créditos especiais no modo como o talento deles emergiu.”

Janis confirma: “Ela sempre sonhou ser cantora. Era tudo o que queria. Vivia cantando pela casa”. Ela cantava “I Will Survive”, de Gloria Gaynor enquanto ficava deitada na banheira. Os vizinhos também lembram as primeiras apresentações de Amy Winehouse — e sua ousadia inexperiente! Paul Nesbitt morava perto da família dela. Ele disse: “Quando me mudei para lá, Amy enfiou a cabeça pela janela do banheiro e começou a cantar com um microfone. Ela tinha talento. Mas era um tanto travessa. Havia um guarda calvo que morava em frente e Amy o chamava de careca. Ela dava festas quando os pais saíam”.

O irmão dela, Alex, também gostava muito de música e também foi uma grande influência sobre o desenvolvimento musical de Amy. Ela explica: “Eu era uma criança, tímida demais para cantar. Então, meu irmão ficava de pé em cima de uma cadeira, com o uniforme da escola, imitando Frank Sinatra”. Sua habilidade com a guitarra inspirou Amy a aprender a tocar. “Ele aprendeu sozinho, assim, eu recebi dele a inspiração para aprender sozinho e ele me mostrou algumas coisas”, disse. “Alex começou a curtir jazz quando tinha dezoito anos, e eu, quatorze, e ouvia Thelonious Monk, Dinah Washington, Sarah Vaughn e Ella Fitzgerald; e aprendi a cantar ouvindo”, diz ela.

Sua primeira guitarra foi uma Fender Stratocaster. “É minha guitarra favorita”, disse ela muitos anos depois. “É clássica, tem boa aparência e um som lindo. Realmente se presta a qualquer coisa.” Entretanto, ela também concedeu o rótulo de “guitarra favorita” a outro modelo. “A Gretch White Falcon é minha guitarra favorita em todos os tempos. É linda. Tem a imagem grande de um falcão.”

A jovem Amy acabaria por sair da sombra musical de Alex. “Quando eu tinha uns nove anos, consegui”, lembra ela. “‘Cante’, gritava minha avó. ‘E sorria!’. Mas eu ainda precisava segurar um leque na frente do rosto para “Eternal Flame”: ‘Close your eyes, give me your hand...’”.

A melhor amiga de Amy é Juliette Ashby. Quando crianças, as duas tinham uma brincadeira. “Ela era Pepsi e eu era Shirley, as garotas que faziam o *backing* para Wham! Acho que entramos em sintonia porque éramos um pouco desafinadas.” Isso fez com que as duas formassem uma dupla chamada Sweet’n’Sour. “Eu e minha amiga adorávamos as Salt-N-Pepa”, explica ela. “Por isso, formamos uma banda chamada Sweet’n’Sour. Tínhamos uma canção chamada ‘Spinderella’, ótima, [...] mas isso foi há muitos anos.”

Para a jovem Amy, as meninas do Salt-N-Pepa eram muito mais do que meras estrelas pop. “Meus primeiros modelos foram as Salt-N-Pepa”, diz ela. “Eram mulheres de verdade, não tinham medo de falar de homens, conseguiram o que queriam e falavam de garotas de quem não gostavam. Isso foi muito legal.”

Garotas pop mais tradicionais ofereciam pouca atração para Amy. “Eu gostava de hip-hop progressivo, como Mos Def, e coisas conscientes como Nas”, disse ela. “Mas sempre tem um artista que faz a gente entender o que significa ser artista. Eu estava ligada em Kylie Minogue e Madonna, aí descobri Salt-N-Pepa e percebi que eram mulheres de verdade fazendo música.” Além de “Spinderella”, Sweet’n’Sour tinha outros títulos de canções como “Who Are the Glam Chicks (Us)?” e “Boys (Who Needs Them?)”, sendo que o último foi um sinal precoce de temas futuros.

Amy lembra: “Havia jazz, mas o hip-hop também circulava dentro de mim. Quando tinha nove ou dez anos, eu e minhas amigas adorávamos ‘En Vogue’”. Entretanto, foi com treze anos que ocorreram os momentos musicais-chave de Amy. Um dia, ela escutou “Leader of the Pack”, com as Shangri-Las, e se apaixonou pelo som da banda das moças. Esse momento a empurrou na direção de uma carreira musical. Um dos principais grupos formado por mulheres nos anos 1960, as Shangri-Las cantavam músicas com temas como o amor que não deu certo e outros dramas adolescentes. Além de “Leader of the Pack”, suas outras canções bem conhecidas incluem “Remember (Walking in the Sand)” (mais tarde redescoberta pelos roqueiros Aerosmith), “Out in the Streets” (redescoberta por Blondie) e o clássico romance de guerra “Long Live Our Love”.

Além dos sons de jazz que enchiam a casa, havia sempre visitas entrando e saindo, e aquela era, a princípio, uma vida doméstica feliz para Amy. Seus dias de escola eram divertidos, e, aos quatro



anos, Amy encontrou-se pela primeira vez com a amiga Juliette Ashby na Osidge Primary School. O site da escola atualmente tem uma pequena apresentação em sua home-page. Entre suas políticas está “Reconhecemos que as crianças são indivíduos e têm necessidades diferentes”. Bem, Amy e Juliette eram definitivamente indivíduos desde o início. “Éramos meio maluquinhas”, lembra Juliette, “sempre nos metíamos em enrascada.” Por isso, muitas vezes, elas se viam diante da mesa de recepção da escola, para onde eram mandados os alunos que se comportavam mal. Um dia, enquanto estavam ali, disseram a um menino chamado Ian Beerman que se ele não baixasse as calças elas não seriam mais amigas dele. Beerman obedeceu, e Juliette Ashby lembra do incidente como aquele que verdadeiramente as uniu. A amizade permanece forte até hoje, mas houve momentos difíceis durante o período escolar. Juliette conta que uma vez fez um broche de amizade para Amy, mas a amiga ingrata o jogou numa caixa de areia.

“Ela é uma boba, eu nunca fiz isso”, replica Amy. “Ela sempre teve a supremacia. Juliette sempre tinha montes de balas de morango dentro da bolsa, e você sabia que era a favorita do dia quando ela lhe dava uma bala.” Juliette admite que a amizade delas foi algumas vezes testada. “Como quando ela se comporta como uma idiota e eu tenho de buscá-la, o que é mais ou menos o tempo todo.”

Mesmo assim, Juliette realmente confia na amiga. “Nós duas sabemos que resgataríamos a outra de um prédio em chamas se tivéssemos de fazê-lo. Chegamos a esse grau de entendimento. Às vezes, até a família pode lavar as mãos, mas você tem certeza de que contará com seus amigos.”

Uma das peças preferidas das duas envolvia uma delas sair correndo da sala de aula, inundada em lágrimas, e então a outra dizia que tinha de sair para consolá-la. “E aí simplesmente nos

sentávamos em uma sala qualquer, rindo durante o resto da aula”, diz Juliette. Não surpreende que as professoras tentassem separar o par. De fato, assim que passaram para a escola secundária, até as mães das meninas pediram à escola que não as deixasse se sentar juntas. Por isso, elas pouco se viram entre os 13 e os 15 anos. “Eu era uma merdinha”, admite Amy. “Costumava matar aula e levar meu namorado junto. Minha mãe chegava em casa do trabalho, na hora do almoço, e nós estávamos por lá, vestidos em roupões!

“Até os cinco anos eu era boazinha, mas aí fiquei uma peste. Eu era uma peste de verdade. Muito, muito, muito peste. Quando todos saíam para o primeiro recreio, nós mexíamos em todas as lancheiras e comíamos todas as batatas fritas. Quando eles voltavam do recreio, metade dos lanches tinha sumido. Parei de fazer isso por volta dos nove anos.”

Quando Janis escreveu uma carta aberta à filha pelas páginas do *News of the World*, em 2007, ela falou da infância de Amy:

Mesmo quando você era uma menina de cinco anos, de faces rosadas, cantando com uma escova de cabelo na frente do espelho, você era tão teimosa como uma mula. Lembra? Jamais conseguíamos que visse as coisas de um ângulo diferente do seu. Você podia jurar que o dia era noite e os céus ajudavam quem tentasse discordar.

Você nunca foi uma filha rebelde, mas sempre teve uma vontade forte e idéias próprias — qualidades das quais seu pai e eu nos orgulhávamos. Você foi bem educada, tinha o senso de certo e errado e entendia os valores que sempre imprimimos em você como uma família. Mas nunca admitiu ser pressionada ou influenciada para fazer qualquer coisa que não a interessasse.

Lembra aqueles dezembros, anos atrás, quando eu costumava envolver você em um grosso casaco de inverno? Eu a agasalhava e dava um beijo no seu nariz antes de você sair para brincar no frio. “Não se preocupe

comigo, mamãe, vou ficar bem!”, você costumava rir. Mas, como qualquer mãe, é claro que eu me preocupava.

A falta de disciplina de Amy era conseqüência do tédio na escola. Ela se sentia sufocada e frustrada pelo regime educacional. “Eu não gostava que me dissessem o que devia fazer”, ela dá de ombros, e a carranca volta ao rosto. “Eu recebia notificação o tempo todo. Irrita, depois de algum tempo, ter de assinar um pedaço de papel depois de todas as aulas. Então, eu saí.”

A essa altura, Amy já passara pela dolorosa experiência de ver seus pais se separarem. “Nunca discutimos”, Janis se lembra das circunstâncias que levaram à separação. “Tivemos um casamento muito cordato, mas ele nunca estava lá. Ele ficava... fora um bocado, mas durante um longo período houve também outra mulher, Jane, que se tornou sua segunda mulher. Acho que Mitchell gostaria de ter ficado com as duas, mas eu não estava feliz com essa perspectiva.”

Para qualquer criança de nove anos, a separação dos pais seria muito difícil. Para Amy, a experiência foi extremamente dolorosa, e sua mãe acredita que isso influenciou a música da filha. “As pessoas sempre notam a raiva nas canções de Amy”, diz Janis. “Acho que grande parte dela era porque o pai não estava presente. Agora ele tenta compensar isso e passa mais tempo com ela, mas o que está fazendo agora é o que deveria ter feito naquela época.”

Curiosamente, num show ao vivo em Shepherds Bush Empire, Amy passou bastante tempo olhando para Blake, que estava à direita do palco. Enquanto ela cantava frases que falavam das infidelidades dele, fixou o foco no marido. Entretanto, também girou e cantou algumas das frases para o pai, Mitch, que estava à esquerda do palco. Hoje, Amy choraminga: “Meu pai era instável. Ele se mudava a cada dois anos — eu não tinha idéia do que ele estava fugindo”.

Um velho “amigo” de Amy falou a respeito desse período da vida dela para uma revista de celebridades. “Depois que o pai de Amy, Mitch, se mudou, quando ela tinha nove anos, ela achou que poderia fazer o que quisesse”, revela o amigo. “Ela começou a usar saia curta e maquiagem. A mãe, Janis, lutava para controlá-la. Amy perdeu a virgindade com quinze anos, [...] e contou à mãe, que a fez tomar pílula. Ela foi maltratada pelo garoto e não acho que sua cabeça tenha ficado legal. Ela ficou traumatizada e fala disso até hoje.”

Há pouco tempo, Amy voltou à sua primeira escola e a visita foi caótica. “Minha antiga professora estava lá — aquela maldita estátua de gelo. Ela tem o mesmo corte de cabelo desde 1840”, ri Amy. “Eu estava lá com o meu amigo e depois das fotos nós dizíamos: ‘Miss, oi, miss, podemos dar uma olhada na escola?’ E ela, de má vontade: ‘Está bem’, e fomos até a sala de arte e meu amigo saiu. Em seguida, ele gritou, ‘Corra! Apertei o alarme de incêndio!’, e a escola inteira foi evacuada. Foi um grande momento! Eu disse: ‘Espero que seja apenas um treinamento, miss’ — e a cara dela era uma máscara.”

Quando criança, não era apenas na música que Amy buscava consolo: era também uma grande fã de luta livre. Um amigo anônimo lembra que ela era viciada em programas como *SmackDown* e *Raw*. Chegou a conhecer um de seus heróis, Chris Jericho, um dos grandes nomes do esporte. “Amy estava tão excitada para conhecê-lo que não parava de falar nisso. Parecia muito mais entusiasmada para conhecer um lutador do que um músico.” Era também fã de Rob Van Dam e ficava, ao que consta, maluca sempre que ele aparecia na TV.

Aos doze anos, Amy deu seus primeiros passos sozinha para a fama.